

LARROSA, J. Os paradoxos da autoconsciência: um conto com prólogo, epílogo e moral, segundo alguns fragmentos das Confissões de Rousseau. In: _____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 29-56.

Marina de Oliveira¹
Universidade de Passo Fundo

Submetido em 23 de setembro de 2020.

Aprovado em 19 de outubro de 2020.

Jorge Larrosa é um dos grandes pensadores das áreas de educação, filosofia e filosofia da educação, formado em Pedagogia e Filosofia e doutor em Pedagogia. Atua como professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. Seus textos ensaísticos que mesclam temas como filosofia, literatura e educação foram traduzidos para diversos idiomas. O livro *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas* (2019) é uma das obras pela qual o autor se destaca no estudo da educação e da linguagem no cenário brasileiro, principalmente nos estudos literários. A obra, escrita em espanhol entre os anos de 1994-1996 e traduzida para o português no ano de 2000, mostra uma nova forma de pensar, ler e escrever na educação, em que se pretende quebrar imposições preestabelecidas e seguir pela indisciplina, não no sentido de anarquia, mas no sentido de questionar o mundo. A nova edição que data de 2019 traz os textos originais escolhidos pelo autor para a primeira edição, porém conta com ensaios complementares sob uma seção intitulada “20 anos depois” que amplia e enriquece o original. O objetivo do presente trabalho é apresentar uma resenha crítica do primeiro texto “Os paradoxos da autoconsciência: um conto com prólogo, epílogo e moral, segundo alguns fragmentos das *Confissões* de Rousseau” da primeira seção do livro, intitulada “Primeira parte – Como se chega a se o que se é”.

Neste capítulo, que o autor escreve em uma linguagem que se desprende do formal e rígido e se pretende uma conversa, Larrosa (2019) discorre sobre a descoberta de Rousseau da impossibilidade de se registrar o “eu” sem o perdê-lo. O texto mostra, através de fragmentos, a busca por uma escrita que se pretende autobiográfica tanto do passado quanto do futuro, pois levam o próprio autor a uma descoberta e a uma

¹ Graduada em Letras - Português, Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade de Passo Fundo (2019), cursando o Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: marinadeoliveira95@gmail.com.

transformação. Seguindo a composição do ensaio, iremos compor a resenha de modo a seguir o prólogo, as partes, o epílogo e a moral, por fim, observando criticamente as questões apresentadas.

O autor inicia, o que ele chama em seu título de “conto”, com uma menção a um personagem de Borges (1989), chamado Baltasar Espinosa, ao qual ocorreu que ao longo do tempo os mesmos estilos de história se repetiam: histórias de viagens e histórias de sacrifícios: “ocorreu que os homens, ao longo do tempo, repetiram sempre duas histórias: a de um navio perdido que busca pelos mares mediterrâneo uma ilha querida, e a de um deus que faz crucificar no Gólgota” (p. 447). Tal alusão serve a ele para a construção inicial de um outro personagem, sobre o qual o texto pretende discorrer, chamado Jean Jaques Rousseau. Há menção sobre uma série de “Confissões-Diálogos-Sonhos”, na qual Rousseau pensa e constitui um personagem que se pretende autobiográfico e através da qual Larrosa (2019, p. 30) observa que “talvez nessa história em que um homem se narra a si mesmo, nessa história que talvez não seja senão a repetição de outras histórias, possamos adivinhar algo daquilo que somos”. Mas uma narrativa do “eu mesmo”, comumente chamada autobiografia, pode ajudar a compreender quem é o leitor e quem é o homem? É uma das reflexões a que o filósofo (2019) se atenta no decorrer do texto. Larrosa (2019, p. 30) observa que todos os homens tem um pouco de herói épico e de herói trágico e talvez “não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos”. E para contar o que se é, recorre-se a “biblioteca” particular de cada um, mesmo que isso ocorra inconscientemente, e toda a escrita do ser é uma escrita transpassada por outros textos e que também fará parte de textos futuros. Percebe-se nessa concepção de Larrosa (2019) sobre a “textos” certa familiaridade com Bakhtin (2016, p. 62) que diz que “o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes mas também aos subsequentes da comunicação discursiva”, o que nos leva a pensar esses “textos” pelos quais a escrita é transpassada e fará parte como enunciados dentro de uma cadeia de comunicação.

Dessa forma, Larrosa (2019) chama atenção na parte inicial de seu texto a questão de cada ser dar um sentido a sua existência através das palavras construídas em narrativas. Essa primeira reflexão nos leva diretamente a introdução do que o autor chama de “fragmentos do Rousseau” e que é objeto de sua reflexão. Os fragmentos fazem parte da série de “Confissões-Diálogos-Sonhos” de Jean Jacques que é tida como um marco da escrita autobiográfica moderna. O que Rousseau queria em sua escrita, e

que ele exprime no começo de suas *Confissões* (1980, p. 3), é mostrar um homem – o “eu” – em toda a “verdade de sua natureza” e, dessa forma, ele se apropria de um “eu” que se mostra, num primeiro momento, seguro de si e soberano. Porém, ao mesmo tempo que o autor (Rousseau) tem essa pretensão, ele sabe que os homens não conhecem verdadeiramente a si e que inconscientemente se enganam assumindo máscaras perante a sociedade. Por isso, Larrosa (2019) explica que essa soberania inicial vai se tornando cada vez mais fraca durante a escrita de Rousseau e a instabilidade e as dúvidas vão surgindo. Dessa maneira, a obra pode ser considerada como paradoxal em que “por um lado, é uma constante e orgulhosa reivindicação da soberania do eu; por outro lado, é uma luta interminável contra o desmoronamento desse eu, contra sua radical ausência” (LARROSA, 2019, p. 34) na qual não se quer contar acontecimentos que aconteceram *com* o “eu”, mas coisas que *lhe* aconteceram na sua consciência, uma história interna e singular que só tem sentido na existência desse “eu” específico.

Por outro lado, a vivência e a consciência do eu não existem sem a palavra – linguagem – ao que se percebe que “o eu não é o que existe *por trás* da linguagem, mas o que existe *na* linguagem” (LARROSA, 2019, p. 34). Ou seja, a própria existência do “eu” e da consciência se dá através da palavra. O que a escrita de Rousseau tenta, na tentativa de um escrever a “verdade de sua natureza”, é assumir que ele é a palavra ao mesmo tempo que tenta negar as palavras que não o representam, assim perdendo de vista o “eu”. Se não me reconheço nas palavras quem sou eu? Ao passo que Rousseau parte de uma literatura que se dirige contra a própria literatura. E tudo começa com uma queda...

O primeiro fragmento ao qual Larrosa (2019) vai fazer alusão é a narrativa de um dia comum na vida de Rousseau em que caminhando ele sofre uma queda, e a queda o faz também cair em si mesmo, se (re)descobrir e perceber sua condição. Esse súbito arrebatamento o faz tirar do bolso o lápis e o caderno e assim começou a sua escrita. A história de um “eu” próprio pela primeira vez assumido como um “eu” dentro de sua escrita. Jorge Larrosa (2019) faz uma reflexão sobre essa tomada de consciência a relacionando a uma oposição clássica do pensamento do próprio Rousseau: o *ser* e o *parecer*. No momento que ao cair, o narrador Jean Jacques descobriu o que parecia aos outros, ele se impôs a tarefa de contrapor esse ser e parecer, mas então descobriu que ele não sabia efetivamente quem era. Resolveu, então, assumir uma postura mais crítica e

autocrítica. Podemos encontrar aqui uma correspondência entre a oposição de Rousseau e a formação da sociedade contemporânea em que o *parecer* é supervalorizado em relação ao *ser*: hoje as pessoas constroem autobiografias fictícias sobre seu “eu” para apreciação do “outro”, para a aprovação desse “outro”. É o caso, por exemplo, das redes sociais, em que se cria uma “aparência” do “eu” que não corresponde a sua realidade. Observa-se assim o quanto o pensamento de Rousseau retomado por Larrosa (2019) continua atual. Deixemos essa reflexão de lado por uma “mentira”.

Um segundo momento da autobiografia de Rousseau que Larrosa (2019) trará é o caso de uma “mentira”. O pequeno Jean Jacques, com dez anos de idade, passava uma temporada no campo quando foi acusado de ter quebrado um pente. Fato é que ele não havia mexido no pente e negou o fato, assim sendo castigado pelo pente quebrado e pela “mentira” que era uma verdade. Assim, Rousseau se deu conta de que podia mentir para estar no mundo e aprendeu que as pessoas mentem até para si mesmo. Essa lembrança decorreu a ele após o incidente da queda, quando se apercebeu que também ele não se conhecia e estaria a se esconder de si mesmo. Os fragmentos continuam em um acontecimento dois anos após a queda e reconhecimento do narrador. Rousseau, então doente e desenganados pelos médicos – que lhe deram seis meses de vida –, pôs-se a refletir sobre o que havia sido sua vida. Tal reflexão e a sua inesperada recuperação de saúde posterior, como que um “renascimento”, levaram Jean a uma transformação. Retomemos uma das considerações iniciais de Larrosa (2019) que diz que Rousseau também é um personagem que contempla a história de busca e sofrimento – histórias de viagens e de sacrifício – e percebemos que os fragmentos trazidos no texto contemplam essa busca inicial de Rousseau pela liberdade do “eu” e, após a doença, da transformação do mártir, o que comprova a afirmação inicial do filósofo e mostra que a reflexão de Larrosa (2019) é coerente e segue uma linha de raciocínio extremamente clara. Mas voltando à doença de Jean Jacques, ao se recuperar ele resolve mudar e converter-se naquilo que realmente é e não no que *parece ser*. Muda sua aparência e seu modo de ser.

Anos depois desses acontecimentos e de sua transformação Rousseau, que agora morava no campo, resolve observar sua vida em retrospectiva como quem lê aquilo que escreveu e, novamente, ele “cai em si mesmo”, como relata Larrosa (2019). Essa nova descoberta faz com que Rousseau perceba que mudou completamente e que sua mudança não foi motivada por nada mais que o orgulho. O que acontece é que na tentativa

de se transformar no “eu” que parecia ser seu natural, ele transformou-se no mais oposto a seu real “eu”. Larrosa (2019, p. 52) diz que nesse momento ele – Jean Jacques Rousseau - percebe que “Jean Jacques” havia se convertido em “Rousseau”. O último fragmento é uma lembrança do primeiro momento que Rousseau teve consciência de si mesmo que foi durante suas leituras infantis, então ele descobre que em sua tentativa de se afastar da literatura acaba somente adquirindo consciência de si mesmo através da leitura e da escrita. O homem que denuncia a literatura e ao mesmo tempo a escreve e nela se identifica.

Todos os fragmentos observados e nos quais Larrosa (2019) baseia sua reflexão levam a duas constatações a que o autor chama atenção e que sim, como pretendia no começo, ajudam a compreender o ser. A primeira constatação é a de que “o eu não é senão uma contínua criação, um perpétuo devenir: uma permanente metamorfose” que tem “sua força impulsionadora no processo narrativo e interpretativo da leitura e da escrita” (LARROSA, 2019, p. 54), ou seja, o ser está em contínuo estado de formação e de criação do seu “eu” e sua força está na linguagem. Segundo é que a “fidelidade às palavras é não deixar que as palavras se solidifiquem e nos solidifiquem, é manter aberto o espaço líquido da metamorfose” e “a fidelidade às palavras é reaprender continuamente a ler e a escrever (a escutar e a falar)”. As palavras dependem do ser e o ser depende das palavras, um não pode existir sem o outro e é o estar nas palavras e na literatura que faz com que as transformações do ser ocorra e ele se torne um novo “eu”. Percebemos ao fim da reflexão a impossibilidade da tarefa pretendida por Rousseau de escrever um “eu” em sua verdadeira natureza, uma vez que, a cada momento que Jean Jacques lia e escrevia, deixava de ser aquele “eu” para se tornar um outro “eu” que já não condizia com o inicial. O que os pensamentos de Larrosa (2019) ensinam através dos fragmentos da autobiografia de Rousseau é a consciência da instabilidade do “eu” e sua ligação imprescindível com a linguagem. Por fim, além de ser um belo texto e com linguagem clara, é um ótimo objeto para ser lido e estudado na área de Ciências Humanas por considerar a constituição do sujeito (ao qual as Ciências Humanas centram seus estudos) e suas relações de significação na/pela linguagem e cultura.

Referências

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BORGES, J. L. *Obras completas*. Barcelona: Emecé, 1989.

ROUSSEAU, J. J. *Les Confessions*. Paris: Classiques Garnier, 1980.